



Marzo 2011

PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS NA TEOLÓGIA DA LIBERTAÇÃO LATINO-AMERICANA

*César Augusto Soares da Costa*¹

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Soares da Costa, C.A: *Perspectivas filosóficas na teología da libertação latino-americana*, en Contribuciones a las Ciencias Sociales, marzo 2011. www.eumed.net/rev/cccss/11/

Resumo: O objeto de nosso estudo é darmos continuidade as relações já tratadas no artigo anterior, onde visamos sistematizar os aspectos filosóficos e teológicos da Teologia da Libertação na América Latina, discorrendo metodologicamente tais conceituações com vistas ao Magistério Católico.

Palavras-chave: América Latina, Magistério Católico, Teologia da Libertação.

1 Os Níveis da Libertação na Teologia Latino-americana

A libertação em sua integralidade constitui um processo único e global que abarca as distintas dimensões que se implicam de maneira mútua. “A reflexão teológica

¹ Sociólogo, Teólogo e Pesquisador. Doutorando em Educação Ambiental/FURG; Mestre em Teologia Sistemática na PUCRS.

latino-americana acentua a idéia de libertação em seu sentido amplo e abrangente, considerando as diversas dimensões da existência humana”².

De acordo com Gustavo Gutiérrez³ podemos distinguir três níveis de significado do termo libertação: a) *Nível da libertação econômica, social e política*. O primeiro nível corresponde ao da racionalidade científica, que é o pressuposto para uma real e ação política transformadora. Este corresponde ao processo de transformação efetiva da sociedade; b) *Nível da libertação do homem e da história*. O segundo corresponde à utopia, enquanto denúncia da ordem vigente e anúncio de uma ordem das coisas oposta e de um novo homem. Neste nível alarga-se o horizonte da libertação econômica, social e política, enriquecida com um valor antropológico. Libertação diz respeito à construção de um homem novo numa nova sociedade, significando uma permanente revolução cultural e; c) *Nível da libertação do pecado*. O último nível situa-se a dimensão da fé, onde se explicita o significado teológico-salvífico da obra libertadora de Jesus de Nazaré. Neste nível, o caráter da redenção desvela-se, e a libertação vem considerada como obra de Jesus que rompe as barreiras do pecado, raiz de todas as alienações.

Segundo Faustino Teixeira, “Estes três níveis de libertação condicionam-se mutuamente sem com isto perderem sua identidade específica. Não constituem processos paralelos ou cronologicamente sucessivos, mas estão mutuamente implicados”⁴. Assim, fazem parte de um único processo cujo sentido final é instaurado na obra salvífica de Cristo. O processo de libertação significa uma exorcização do egoísmo e da negação do amor. A libertação política inclui, portanto no processo de libertação radical levada a cabo pelo agir salvífico de Deus. Na concepção de Gutiérrez⁵, citada por Teixeira: “Todo o esforço por construir uma sociedade justa é libertador – de uma libertação que afeta por aproximações, mas efetivamente, a alienação fundamental -, já é obra salvadora, conquanto não seja toda a salvação”. Desse modo, a libertação consiste, neste processo único onde os três eixos acham-se ligados.

Também se salienta que a articulação entre o nível da libertação econômica e social com o nível da libertação do pecado não é realizada de modo direito,

² Cf. TEIXEIRA, Faustino. op. cit., p. 79.

³ Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*, p. 44-45-49; 154; 203.

⁴ Cf. TEIXEIRA, Faustino. op. cit., p.80.

⁵ Cf. TEIXEIRA, Faustino. *Comunidades eclesiais de Base*, p. 81.

ma se dá mediante a utopia de um homem novo e de uma nova sociedade. A utopia constitui o lugar da criação permanente de um homem novo numa sociedade solidária. A face da libertação concreta, revelada pela utopia, é a luz da fé, reveladora de Deus. Ela favorece uma permanente atitude de abertura para o futuro.

No entendimento de Teixeira,

Deve-se salientar que a categoria de gratuidade é fundamental para uma adequada compreensão da noção salvação-libertação. Não há uma oposição entre o projeto humano e o dom de Deus, mas uma íntima implicação mútua. (. . .) É algo que marca profundamente a existência, envolvendo todo o empenho humano em favor da construção de uma realidade diferente. (. . .) Este dom de Deus não significa um chamado à passividade, como se o mesmo suprimisse a eficácia do projeto histórico. Ao contrário, esta última é uma exigência que decorre da vivência do dom gratuito de Deus. A gratuidade aprofunda e radicaliza o empenho libertador, conferindo-lhe o seu significado amplo.⁶

2 A Libertação na Teologia Latino-americana e suas mediações

A Teologia da libertação viu-se desde o início como um novo modo de fazer teologia⁷. O discurso do método da teologia da libertação foi levado a termo por Clodovis Boff em um estudo⁸ sobre as relações entre *Teologia e Prática* (1978).

⁶ Cf. TEIXEIRA, Faustino. op. cit., p. 82.

⁷ A novidade deste enfoque não é, porém, só a passagem do abstrato para o concreto, mas sobretudo o fato de tomar o contraste de opressão e libertação por centro da reflexão teológica. Esta decisão age decididamente sobre os temas centrais da teologia, tais como o tratado de Deus, a cristologia e a eclesiologia: para o primeiro plano passam as contradições entre Deus como doador da vida e os deuses da morte; entre Jesus, o Libertador, e os sistemas de não-liberdade; entre uma Igreja que nasce de novo da graça prometida aos pobres e uma instituição que só pensa na manutenção do poder. A teologia da libertação pode assim ser entendida também como libertação da teologia da escravidão à ideologia burguesa. Sublinhe-se isso, porque a teologia dos sábios procedentes do norte do nosso planeta por séculos – dos espanhóis aos Estados Unidos – surgiu como mascaramento de desejos imperialistas, como também pretendia falar eurocêntrica e dedutivamente de maneira válida para todos os homens, (. . .) A teologia européia também hoje com frequência não reconhece o preço pago por uma teologia cujas intuições se ligam às experiências das favelas, das prisões e das câmaras de tortura das ditaduras militares. Quem, à soleira da morte violenta, pensa na cruz e na ressurreição de Jesus e com isso a um só tempo pensa também sobre a resistência política de um povo oprimido, suas formulações fogem dos critérios tradicionais da ortodoxia especulativa, obtendo, em virtude de sua concretude, uma qualidade nova de conhecimento. Cf. FUSSEL, Kuno. *Teologia da Libertação*, p. 866.

⁸ Pode-se aludir ao estudo da seguinte forma: A “Teologia da Libertação” quer ser uma “nova maneira” de fazer teologia. Ela propõe uma atitude de espírito ou um estilo particular de pensar a Fé. Tal estilo se exprime mediante uma série de princípios que tomam a forma de afirmações ou teses e que entendem informar e orientar a prática teológica. (...) Podemos já enunciar de modo geral como se apresenta o nosso trabalho: 1. Da parte do objeto - O “Político” – é preciso dizer que é fornecido à Teologia do Político pelas ciências que se relacionam com ele, isto, é as “ciências sociais”. Esta operação teórica de assunção dos resultados dessas disciplinas pela prática teológica traz o nome de *Mediação Sócio-Analítica* (MSA). Ele será responsável pela constituição do objeto (teórico) material da Teologia do Político, mesmo que formalmente esta etapa possa ser considerada como sendo ainda pré-teológica. (. . .) 2. Da parte do *modo de apropriação*, trata-se de discutir a

Evidenciou-se neste estudo quatro elementos que estruturam os discurso da libertação, onde se supõe uma opção prévia e três mediações.

Por mediação se deve entender o conjunto dos meios que a teologia usa para alcançar seu objetivo. Ou, como afirma Jacques Dupuis sobre os critérios de mediação na Teologia da Libertação: “podemos dizer que a TL se constrói sobre a opção fundamental pelos pobres e sobre práxis libertadora, de um lado, e, de outro, sobre a articulação recíproca das três mediações: sócio-analítica, bíblico hermenêutica e prático-pastoral”⁹. A elaboração da Teologia da Libertação pode ser dividida em três etapas que correspondem aos três tempos sucessivos que distinguem o trabalho pastoral: ver, julgar e agir.

A Teologia da libertação pressupõe uma prévia opção *política, ética e evangélica* em favor dos pobres¹⁰; refletindo teologicamente a partir de sua causa. Trata-se de uma opção *política*, pois situa o teólogo em determinado lugar social; *ética* porque nasce de uma indignação diante do escândalo da pobreza; e *evangélica*, porque encontra suas motivações mais radicais no evangelho de Jesus (*Mt 25,35-46*).

Para Rosino Gibellini,

Essa prévia opção determina o “lugar social”, de “onde” o teólogo faz teologia, e isso, por sua vez, “interfere” no “lugar epistemológico”, no “como” o teólogo faz teologia. A “interferência” exclui tanto a falta de relações entre teoria e prática

questão da *pertinência teológica*, isto é, do modo próprio à Teologia de trabalhar o objeto teórico material mencionado há pouco. Procuramos discernir exatamente a maneira segundo a qual esse objeto se constitui na sua qualidade de objeto *formalmente teológico*, isto é, na forma sob a qual ele aparece quando é colocado na claridade da razão teologizante. E de vez que este modo próprio da Teologia consiste na interpretação de seu objeto, no caso o Político, a partir das Escrituras cristãs, chamamos esta operação de *Mediação Hermenêutica* (H). (. . .) 3. Quanto à *Práxis*, com a qual a Teologia (teológica) deve estar relacionada, ela só pode ser a qual considerada, não como um *medium quo*, mas quais propriamente como um *medium in quo*, no sentido de que a *Práxis* constitui o verdadeira meio de realização da prática teológica concreta. Cf. BOFF, Clodovis. *Teologia e Prática*, p. 21-25.

⁹ Cf. DUPUIS, Jacques. *Da libertação*, p. 975-976.

¹⁰ Para efeito de nossas reflexões em torno da libertação, pode-se distinguir dois sentidos de pobre: a) pobre sócio-econômico: É todo aquele que é carente ou privado dos meios necessários para a subsistência (comida, vestuário, moradia, saúde básica, instrução elementar e trabalho). Pode haver uma pobreza inocente, pois depende da vontade concreta dos afligidos (terras infecundas, secas crônicas etc); entretanto, hoje em dia, esta pobreza o mais das vezes é mantida pelo sistema capitalista que daí tira a mão-de-obra barata; ele impede que tais regiões e populações sejam desenvolvidas, excluindo-as da promoção humana e necessária. (. . .) Há ainda uma pobreza injusta porque é produzida por um processo de exploração do trabalho, como o denunciou o Papa João Paulo II em sua encíclica sobre o trabalho (*Laborem Exercens*, n.8). (. . .) b) O pobre evangélico: É todo aquele que coloca seu ser e seu poder a serviço de Deus e dos irmãos; é todo aquele que não se centra em si mesmo, nem põe a sua segurança e o sentido de seu viver e de seu fazer em desfrutar deste mundo e em acumular bens, nome, fama e glória, mas se abre agradecido a Deus e serve desinteressadamente aos outros, mesmo ao inimigo, construindo meios que gerem vida mais digna para todos. (. . .) É pobre evangélico eminentemente aquele que, embora não seja um pobre sócio-econômico, por amor e solidariedade aos pobres sócio-econômicos, se faz um deles para junto atuar contra a pobreza injusta e juntos buscarem a libertação e a justiça. Cf. BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*, p. 69-71.

como a existência de uma relação direta, pois a lógica da ciência não é a lógica da práxis; a interferência do lugar social no lugar epistemológico ou teórico indica uma relação indireta, no sentido de que o lugar social é que torna possível um discurso teológico correspondente: o “que fazer” torna-se objeto do “que pensar”. É por força dessa opção prévia, assim configura, que a teologia da libertação é teologia desde e sobre, a-partir-de e sobre a práxis, teologia entendida rigorosamente como ato segundo”¹¹.

A Teologia da libertação também utiliza a mediação *socioanalítica*. A teologia sempre se serviu em sua reflexão de instrumentais filosóficos: basta pensar no platonismo na época patrística, no aristotelismo no período escolástico, na teologia transcendental de Karl Rahner; a teologia da libertação, que parte da práxis e visa à práxis, usa o referencial das ciências sociais, privilegiando a mediação socioanalítica¹². Não se segue que a teologia da libertação exclua a mediação da filosofia. A Teologia da libertação é uma teologia segunda, que pressupõe uma teologia primeira; isto é, todo o discurso sobre a Revelação e salvação cristã, diversificada pelas mediações: filológica, histórica e filosófica, onde sua vinculação à práxis realiza-se por meio da mediação socioanalítica.

Tal teologia estabelece uma renovada utilização da mediação *hermenêutica*¹³ para interpretar a escritura e as fontes da tradição cristã não de maneira

¹¹ Cf. GIBELLINI, Rosino. op. cit., p. 354.

¹² Clodovis ao se referir sobre o instrumental socioanalítico postula: Se estas observações são verdadeiras, pode-se perguntar qual dentre as duas orientações fundamentais de “teoria social” o teólogo deve escolher, em termos éticos, a título de MAS. Pode-se responder a esta questão, de modo concreto, referindo-se às práticas das comunidades cristãs engajadas. Dir-se-à então que a solução está já dada *in actu* na opção ético-política que estas comunidades fizeram em nome da Fé cristã. Por outro lado, no nível da própria Positividade da Fé cristã, o teólogo não se acha desprovido de critérios preciosos e vigorosos em função da escolha de uma teoria e de uma prática sociais determinadas. Referimo-nos sobretudo ao Evangelho, que, portanto manipulável possa ser, não o é a tal ponto de tornar absolutamente irrisório qualquer esforço de demarcação ética concreta, mesmo se esta demarcação e sua realização correspondente conservem sempre um caráter *kairológico*, no sentido de permanecerem relativos ao momento histórico. Assim ouve-se falar da preferência de Jesus pelos pobres, de sua mensagem de justiça e de fraternidade, etc. Tais critérios são suficientemente claros e certos por que as comunidades cristãs mais conscientes dos problemas da Periferia, com seus pastores e teólogos, não se tenham enganado. Sofrendo e lutando lado a lado com os não-cristãos e com os cientistas sociais mais alertas, estes cristãos escolheram resolutamente uma leitura conflitual da realidade que é a sua. E isto a partir de critérios fornecidos pela sua própria Fé, em articulação com as análises das CdS. Cf. BOFF, Clodovis. *Teologia e Prática*, p. 125.

¹³ A teologia hermenêutica foi definida como “um novo ato interpretativo do evento de Jesus Cristo, à base de uma correlação crítica entre a experiência cristã fundamental, testemunhada pela tradição, e a experiência humana de hoje” (C. Geffré). A nova interpretação da mensagem cristã nasce “desta circularidade entre a leitura da fé dos textos fundamentais que a testemunham a experiência cristã de hoje” (C. Geffré). A existência cristã de hoje é em toda a parte condicionada pelo contexto em que vive com seus componentes culturais, sociais, políticos e religiosos. A teologia hermenêutica consistirá, portanto, num ir e vir progressivo e contínuo, entre a experiência contextual atual e o testemunho da experiência fundamental que a tradição registra. Este contínuo ir e vir entre contexto e texto, entre presente e passado, é o que se entende por “círculo hermenêutico”. Na realidade, não se trata de circularidade entre dois membros, mas de uma triangularidade e

abstrata, mas a partir de uma situação política e social determinada, vista com mediação socioanalítica. É uma mediação hermenêutica em que a leitura da realidade social se transforma em uma leitura desta mesma realidade. Esta leitura baseia-se nos grandes temas do Antigo e do Novo Testamento que a ela se referem e a ela se prestam: Deus libertador do povo oprimido, do direito dos pobres, das exigências de justiça e o seu Reino; onde a missão da Igreja dá continuidade a tal ação. Segundo Juan Luis Segundo¹⁴, citado por Gibellini,

Na teologia acadêmica não funcionaria o círculo hermenêutico. A teologia acadêmica extrai as respostas perenes a partir do conteúdo da revelação, considerando de um ponto de vista pastoral, e as aplica à situação do homem. A teologia da libertação, ao invés, volta a acionar o círculo hermenêutico: parte-se de uma situação concreta, da qual surgem interrogações atuais, e com essas interrogações é que se dirige à revelação. Da revelação, assim interrogada, vem uma resposta que ilumina a situação vital daquele que interroga.

A Teologia da libertação tende à práxis, exigindo uma mediação *prático-pastoral* conseqüente a análise socioanalítica realizada e à leitura teológica dada. A prévia assunção da mediação socioanalítica e da hermenêutica garante uma correta articulação da relação entre teologia e prática. Se somente utilizasse a mediação socioanalítica, haveria os riscos de um reducionismo sociológico; se utilizasse somente da hermenêutica, cairia para o perigo de teologismos; no caso de se utilizar apenas a mediação prático-pastoral, seria inevitável a queda no pragmatismo pastoral. As três mediações correspondem ao esquema tripartido: análise dos fatos (socioanalítica), reflexão teológica (Hermenêutica) e sugestões pastorais (prático-pastoral). Sendo assim, pode-se afirmar que:

A teologia da libertação foi elaborada a partir da opção básica pelos pobres e na articulação mútua dessas três mediações. (. . .) a novidade da teologia da libertação consiste na assunção no interior do discurso teológico, a mediação socioanalítica; isto implica uma reestruturação da mediação hermenêutica e da mediação prático-pastoral, mediações já utilizadas no discurso teológico tradicional. Aliás, uma vez que a assunção da mediação socioanalítica depende de uma opção prévia em favor dos oprimidos e está voltada para uma práxis de

da mútua interação dos três ângulos: o texto ou o dado da fé, o contexto histórico e o intérprete de hoje, ou, ainda, a memória cristã, a história em gênese e a comunidade eclesial ou a igreja local. Esta descrição da teologia hermenêutica e de seu método aplica-se perfeitamente à TL, desde que se identifiquem corretamente os três componentes do triângulo: o contexto histórico é a situação maciça de opressão e de pobreza desumanizante das massas trabalhadoras; o intérprete é este mesmo povo, empenhado numa práxis libertadora em vista de sua libertação integral, o dado da fé será prioritariamente a ação libertadora do Deus de Israel e a práxis libertadora do Jesus histórico. Cf. DUPUIS, Jacques. Da libertação, p. 974.

¹⁴ Cf. GIBELLINI, Rosino. op. cit., p. 356.

libertação, privilegia-se uma análise social não-funcionalista (a sociedade é um todo orgânico), que levaria a uma prática reformista, melhor, dialética (a sociedade é um conjunto de forças em tensão), que leva a uma práxis de libertação¹⁵.

Em tal contexto, o acesso da mediação socioanalítica comporta a utilização crítica de meios conceituais que podem ser elaborados a partir de uma tradição sociológica. Mas de acordo com tais conceitos, a palavra teológica relativa ao social não tem credibilidade a não ser na posição de palavra segunda, isto é, após tiver realizado justiça às condições decorrente do processo. Com isso, pode-se localizar um dos pontos problemáticos e controvertidos deste novo projeto teológico.

3 O Magistério e a Libertação

A Teologia da Libertação é uma teologia, um saber científico e próprio que tem por finalidade compreender o sentido da Revelação. Como qualquer ciência, tem um objetivo e precisa de liberdade de pesquisa. Sendo que este objeto da teologia é a Revelação divina transmitida, interpretada pela Igreja e acolhida pela fé. A sua transmissão e interpretação da Revelação divina se dão sob a autoridade do Magistério católico (*Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo*, n. 2-12). No Magistério católico, existem dois documentos da maior relevância: a *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação* (1984) e a *Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação* (1986).

A Teologia da Libertação tem um espaço na tradição teológica da Igreja (*Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*, Introdução); cuja inspiração fundamental desta Teologia encontra-se na Revelação, ou seja, nas Escrituras e na Tradição (*Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*, I-V, *Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação*, n. 43-70). Assim, há Teologias da libertação não aceitáveis, pois sua reflexão não pode mais ser considerada teológica (*Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*, VIII-X). Assim, a libertação e seu princípio no método são legítimos, desde que corresponda a certas exigências (*Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*, n. 70); onde a opção pelos pobres fundamenta-se na Revelação e na prática da Igreja. Trata-se de uma opção baseada em motivações evangélicas e bíblicas e que não pode ser exclusiva muito menos excludente, nem que se preze nas categorias

¹⁵ Cf. Idem, p. 356.

sociais ou ideológicas (*Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*, n. 68). A Teologia da Libertação se compreendida de modo correto segundo os ditames do Magistério, tal teologia não é somente oportuna, mas também útil e necessária¹⁶.

Da parte independente dos teólogos e filósofos, surgem críticas à fragilidade da base empírica da Teologia da Libertação e da sua deficiência de embasamentos filosóficos. A base empírica simplificaria uma leitura da realidade cada dia mais difícil de ser feita com apenas um instrumental¹⁷. A busca de libertação não paga um preço algo? Ela não termina sendo ineficaz em vista de uma maior justiça social?

Libânio reflete desta maneira esta questão:

O próprio fracasso do socialismo real mostrou a sua insuficiência teórica e os seus erros programáticos. A TdL, segundo esses críticos, pagou e ainda paga um tributo excessivo a tal análise. A categoria filosófica de práxis, apesar de central na TdL, não tem sido trabalhada com rigor conceitual que permita uma estruturação mais consistente da TdL. Encerra muita ambigüidade¹⁸.

Outra área de posições críticas toca ao seu caráter utópico e messiânico da libertação. Todo movimento com sua correspondência teórica pretende ser portador de uma revolução messiânica e utópica leva em si a semente do autoritarismo, do despotismo, da intransigência, sendo que em alguns casos, pode conduzir a focos de violência. Também tal teologia incorre na ilusão maniqueia de dissociar o cristianismo da história, ao criticar as alianças entre o cristianismo e o Ocidente dominador. Nas dicotomias de posições, há tendências em que se opõem de maneira radical ao socialismo e ao capitalismo, e se observam críticos sobre as algumas ideologias. Ou, podendo incorrer em algumas reflexões “o perigo de aprisionar a mensagem evangélica na ideologia marxista”¹⁹. Do mesmo modo, não escapando de certo “ imanentismo histórico” por deixar-se levar pelo pensamento

¹⁶ Na medida em que empenha por encontrar aquelas *respostas justas*- penetradas de compreensão para com a rica experiência da Igreja neste País, tão *eficazes e construtivas* quanto possível e ao mesmo tempo *consonantes e coerentes* com os ensinamentos do Evangelho, da tradição viva e perene do Magistério da Igreja – estamos convencidos, nós e os Senhores, de que a Teologia da libertação é não só oportuna, mas útil e necessária. Ela deve constituir uma nova etapa – em estreita conexão com as anteriores – daquela reflexão teológica iniciada na Tradição apostólica e continuada com os grandes Padres e Doutores, com o Magistério ordinário e extraordinário e, na época mais recente, com o rico patrimônio da Doutrina Social da Igreja (. . .). Cf. JOÃO PAULO II. *Mensagem do Santo Padre ao Episcopado do Brasil*, n. 5.

¹⁷ Cf. ANDRADE, Paulo Fernando. *Novos paradigmas e Teologia Latino-americana*, p. 49-62.

¹⁸ Cf. LIBÂNIO, João Batista; ANTONIAZZI, Alberto. *Vinte anos de Teologia na América Latina e no Brasil*, p. 92-93.

¹⁹ Cf. ZILLES, Urbano. *Possibilidades e limites da Libertação*, p. 18.

marxista²⁰. Nesta leitura da história, são movidos por uma implacável luta classista entre o bem e o mal, rumo a uma sociedade sem classes.

Além disso, no pressuposto de toda a teologia reside uma antropologia. Tal concepção, fala de modo contínuo de uma nova sociedade, do homem novo, mas acaba faltando uma melhor elaboração antropológica que responda a sua leitura da Revelação. Assim, sua antropologia parece, de certo modo, incompatíveis com a fé, devido à sua visão prometéica deste homem novo. Por fim, constata-se que a libertação não tem conseguido responder as questões, sobretudo técnicas da sociedade moderna²¹, ao somente se restringir às classes pobres ou para problemas sociais.

No entendimento de Libânio,

A classe média liberal, fundamental para uma transformação social, não tem recebido a devida atenção. Assim as elites dirigentes tornam-se cada dia mais alheias não só à fé cristã, mas até mesmo aos verdadeiros interesses populares. E a desejada libertação dos pobres fica ainda mais distante. Questão que vem sendo levantada pelos próprios teólogos da libertação²².

Abstract: The object of our study is the relation between theology and liberation. We analyze the matter of liberation in the vision systematics and historicity in the realm of latin-american theology and of its contributions.

Key-words: Theology, liberation, evangelization, Latin America.

²⁰ No que toca à relação com a teoria marxista nunca, Leonardo e Clodovis Boff explicita algumas indicações essenciais: Na Teologia da Libertação o marxismo é tratado por si mesmo mas sempre *a partir e em função dos pobres*. Situado firmemente do lado dos pequenos, o teólogo interroga Marx: “Que tu podes tu nos dizer da situação de miséria e dos caminhos de sua superação?” Aqui se submete o marxista ao juízo do pobre e de sua causa e não o contrário. Por isso, a Teologia da Libertação usa o marxismo de modo puramente *instrumental*. Não o venera como venera os Santos Evangelhos. E nem sente a obrigação de dar conta aos cientistas sociais do uso que faz das palavras e idéias marxistas (se as usa corretamente ou não) a não ser aos pobres, à sua fé e esperança e à comunidade eclesial. Para sermos mais concretos, digamos aqui que a Teologia da Libertação utiliza livremente do marxismo algumas “indicações metodológicas” que se revelaram fecundas para a compreensão do universo dos oprimidos, (. . .) Por isso também o teólogo da libertação mantém decididamente uma relação crítica frente ao marxismo. Marx (como qualquer outro marxista) pode, sim, ser companheiro de caminhada (cf. Puebla, n. 554), mas jamais pode ser “o” guia. “Porque um só é o nosso guia, Cristo” (Mt 23,10). Se assim é, para um teólogo da libertação o materialismo e ateísmo dos marxistas não chegam a ser sequer uma tentação. Cf. BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*, p. 45-46.

²¹ Cf. ANDRADE, Paulo Fernando. *Novos paradigmas e Teologia Latino-americana*, p. 49-62.

²² Cf. LIBÂNIO, João Batista; ANTONIAZZI, Alberto. *op. cit.*, p. 94.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Paulo Fernando. Novos paradigmas e Teologia Latino-americana. In: ANJOS, Márcio Fabri. (Org). *Teologia e Novos Paradigmas*. São Paulo: Soter/Loyola, 1996. p. 49-62.
- BETTO, Frei. *Fé e Política na perspectiva Latino-Americana*. Disponível em: <<http://www.brasil.terravista.pt/ipanema/2610/betto.htm>> Acesso em: 30 de set. de 1999.
- BOFF, Leonardo. *A fé na periferia do mundo*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. *O Caminhar da Igreja com os oprimidos*. Petrópolis, Vozes, 1988.
- _____. *Eclesiogênese*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *Do lugar do pobre*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOFF, L; MIRANDA, Márcia. *Fé e Política: suas articulações*. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<http://www.brasil.terravista.pt/ipanema/2610/boff.htm>> Acesso em: 30 de set. de 1999.
- _____. *Teologia e Prática*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. Como vejo a teologia latino-americana trinta anos depois. In: SUSIN, Luiz Carlos. (Org.). *O mar se abriu: Trinta anos de Teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000. pp. 79-85.
- BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BUTTIGLIONE, Rocco. Ação política e libertação. *Communio*, Rio de Janeiro, v. VII, n. 50, p. 104-120, abr-jun. 1990.
- CAMACHO, Ildefonso. *Doutrina social da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1995.
- _____. Os sínodos de 1971 e 1974: A justiça no mundo e a *Evangelii Nuntiandi*. In: _____. *A Doutrina social da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1995.
- _____. A Doutrina social da Igreja na América Latina: Medellín e Puebla. In: _____. *Doutrina social da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1995. p. 455-485.
- CÂMARA, Hélder. Mensagem de D. Hélder Câmara na Tomada de posse como Arcebispo de Olinda e Recife. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 24, fasc 2, p. 381-385, jun. 1964.

CARVALHEIRA et alli. *O Sínodo de 1974. A evangelização no mundo contemporâneo: Reflexões teológico-pastorais*. São Paulo: Loyola, 1975.

CECHINATO, Luiz. *Puebla ao alcance de todos*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

CERESCO, Anthony. *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996.

CODINA, Víctor. *Para compreender a Eclesiologia a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1993.

COMBLIN, José. Evangelização e Libertação. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 37, fasc. 147, p. 569-597, set. 1977.

CONCLUSÕES DA II CONFERÊNCIA GERAL DO ESPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

CONCLUSÕES DA III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Puebla: conclusões*. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONCLUSÕES DA IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã. Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes, 1992.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1982. (Série Documentos da CNBB 25).

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. *Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

DUPUIS, Jacques. Da libertação. In: LATOURELLE, René; FISICHELIA, Rino. (Dirs.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes, Aparecida: Santuário, 1994. p. 972-978.

_____. Evangelização. In: LATOURELLE, René; FISICHELIA, Rino. (Drs.). *Dicionários de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes, Aparecida: Santuário, 1994. p. 297-303.

_____. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

- EICHER, Peter. Opção pelos pobres. In: _____. (Org.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 598-609.
- ENCHIRIDION VATICANUM. Documenti ufficiali della Santa Sede. 1971-1973. *La Giustizia nel mondo*. Bologna: Edizione Dehoniane, 1991. p. 801-839.
- FELLER, Vitor Galdino. *O Deus da Revelação: A dialética entre Revelação e Libertação na teologia latino-americana, da “Evangelii Nuntiandi” à “libertatis conscientia”*. São Paulo: Loyola, 1988.
- FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré. História de Deus, Deus da História*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- _____. *A Igreja ícone da Trindade*. Breve eclesiologia. São Paulo: Loyola, 1987.
- FÚSSEL, Kuno. Teologia da Libertação. In: EICHER, Peter. (Org.). *Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 865-870.
- GARCIA-RUBIO, A. *Teologia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1983.
- GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.
- GONZÁLEZ, Carlo Ignácio. La Teologia de la Liberación a la luz del Magisterio de Juan Pablo II em América Latina. *Gregorianum*, Roma, v. 37, n. 1, p. 5-46, 1986.
- GOPPEGUI, J. A. Ruiz de. *Caminhos de libertação. Caminhos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1973.
- GUTIERREZ, Exequiel. *De Leão XIII a João Paulo II: Cem anos de Doutrina social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da Vida*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. *Teologia da Libertação*. Perspectivas. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. Situação e tarefas da Teologia da Libertação. In: SUSIN, Luiz Carlos. (Org.). *Sarça Ardente: Teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 49-77.
- HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A Amada Igreja de Jesus Cristo*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Redemptoris Missio*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. *Carta encíclica Sollicitudo Rei Socialis*. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____. Mensagem do Santo Padre ao Episcopado do Brasil. In: *Instruções sobre a Teologia da Libertação*. Edição coordenada pela CNBB. São Paulo: Loyola, 1986. p. 109-117.

_____. Discurso inaugural do Santo Padre em Documento de Santo Domingo. In: III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, Puebla. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 15-34.

_____. Discurso inaugural. In: IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, Santo Domingo. *Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 7-30.

_____. *Concílio Vaticano II*. 5.v. Petrópolis: Vozes, 1962.

_____. *Introdução geral aos Documentos do Concílio*. In: VIER, Frederico. (Coord.). *Compêndio do Vaticano II*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-36.

_____. A Igreja na América Latina após o Concílio Vaticano II. Sinais do Espírito e desafios. *Communio*, Rio de Janeiro, v. 52, ano VII, p. 289-298, out-dez. 1990.

_____. *A Eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971.

LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

LIBÂNIO, João Batista; ANTONIAZZI, Alberto. *Vinte anos de teologia na América Latina e no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Teologia da Libertação*. Roteiro didático para um estudo. São Paulo: Loyola, 1987.

MELO, Antonio Alves. *A Evangelização no Brasil: Dimensões teológicas e desafios pastorais. O debate teológico e eclesial (1952-1995)*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1996.

MIFSUD, Tony. O Desenvolvimento de uma ética de libertação nos documentos da Igreja desde o Concílio Vaticano II. *Concilium*, Petrópolis, n. 192, p. 68-76, 1984/2.

MOLTMANN, Jurgen. Teologia Latino-americana. In: SUSIN, Luiz Carlos. (Org.). *O mar se abriu: Trinta anos de Teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 225-231.

MUNOZ, Ronaldo. *A Igreja no Povo*. Petrópolis: Vozes, 1984.

PALÁCIO, Carlos. Trinta anos de teologia na América Latina. Um depoimento. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *O mar se abriu: Trinta anos de Teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 51-64.

PASTOR, Félix. Inculturação e Libertação. *Perspectiva Teológica*, São Leopoldo, ano XI, n. 25, p. 281-202, set-dez, 1979.

_____. Ortopraxis e Ortodoxia. El debate teológico sobre Iglesia y liberación em la perspectiva del Magisterio eclesial. *Gregorianum*, Roma, vol. 70, n. 4, p. 689-739, 1989.

PAULO VI. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1975.

_____. *Carta encíclica Populorum Progressio*. Petrópolis: Vozes, 1967.

_____. *Carta encíclica Ecclesiam Suam*. Petrópolis, Vozes, 1964.

_____. Mensagem aos povos da América Latina. In: II CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA GERAL DO ESPISCOPADO LATINO-AMERICANO. A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 36-40.

_____. Libertação/Liberdade. In: LÉON-DUFOUR, Xavier. (Dir.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 525-530.

SANDRINI, Marcos. *Evangelizar hoje segundo a Teologia da Libertação de Hugo Assmann e de Leonardo Boff*. 1977. 170f. Dissertação (Mestrado em teologia) – Faculdade de Teologia, Universitá Pontificia Salesiana, Roma, 1977.

SANTA ANA, Júlio. *A Igreja e o desafio dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *A Igreja dos pobres*. São Bernardo do Campo: Imprensa metodista, 1985.

SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja*. São Paulo: Loyola, 1982.

TEIXEIRA, Faustino. *Comunidades Eclesiais de Base*. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *A Gênese das CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1988.

_____. A interpelação do diálogo inter-religioso para a teologia. In: SUSIN, Luiz Carlos. (Org.). *Sarça Ardente: Teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 415-434.

VAZ, Henrique Cláudio. *Escritos de filosofia I: problemas de fronteira*. São Paulo: Loyola, 1986.

VELASCO, Rufino. *A Igreja de Jesus: Processo histórico da consciência eclesial*. Petrópolis: Vozes, 1996.

VIER, Frederico. (Coord.). *Compêndio Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 29 ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

_____. Possibilidades e limites da Libertação. *Atualização. Revista de divulgação para o cristão de hoje*, Belo Horizonte, v. 15, n. 169/170, p. 3-19, jan-fev, 1984.